

“O QUE ESTÁ DESTINADO A REUNIR”: CUIDADO INFANTIL ENTRE OS GUARANI MBYA¹

Natália Sevilha Stofel*
Iraí Maria de Campos Teixeira**
Pâmela Moraes Völz***

RESUMO

Objetivo: Buscou-se compreender as significações e ressignificações do cuidado infantil entre os Guarani Mbya do Rio Grande do Sul. **Metodologia:** Foi realizada pesquisa qualitativa, cuja coleta utilizou-se de observação participante com confecção de diários de campo, com adultos e crianças, durante o ano de 2012, em uma aldeia indígena Guarani Mbya do Rio Grande do Sul. Os diários de campo foram analisados de acordo com a análise temática de Minayo. **Resultados:** A análise revelou que as práticas de cuidado às crianças moldam e são moldadas a partir da concepção Mbya de infância. As crianças são atores sociais fundamentais para a constituição do cuidado como o vínculo formador e unificador da sociedade, elas ensinam, aprendem e cuidam através das brincadeiras. **Conclusão:** Conclui-se que entre os Mbya, o cuidado às crianças permeia as relações de troca e organizações de parentesco, pois para ficar junto é preciso cuidar. Por fim, ensinam-nos a revalorização do cuidado como fundamento da vida social.

Palavras-chave: Cuidado da criança. População indígena. Cultura.

INTRODUÇÃO

Cuidar é dar visibilidade ao outro, respeitando suas diferenças, reconhecendo a pluralidade⁽¹⁾. Dessa maneira, podemos dizer que promover cuidado é possibilitar individualidade, no sentido de autonomia alcançada e reconhecida por meio das relações sociais. Ao mesmo tempo, promover cuidado invoca a corresponsabilização dos sujeitos envolvidos, criando uma ação política de responsabilidade coletiva, que consiste no desenvolvimento de uma capacidade de se deixar afetar por aquilo que é público, por aquilo que interessa aos outros⁽¹⁾. Cada indivíduo se reconhece como parte do todo e possui uma identidade grupal. Assim, cuidado é uma expressão de apoio social intensa⁽²⁾.

Cuidado pode ser configurado na contribuição em defesa e fomento da vida, ou seja, “a pessoa sai de si mesma e centra-se no outro com desvelo e solicitude, compreendendo a complexa teia de *inter-relações* pessoais, e sociais e ambientais que dá suporte a sustenta a vida”⁽³⁾. Cuidado é do *ser humano*. Cuidar é uma ação integral, com significados e sentidos que compreendem o “direito de ser” (idem, p.63).

Nesse sentido, para que haja cuidado, fazem-se necessárias relações sociais pautadas na alteridade, pois, quando instalado em relações autoritárias, o cuidado torna-se um fardo para o cuidador e faz com que, conseqüentemente, o receptor esteja em posição de subordinação.

Com relação às crianças indígenas brasileiras, até a década de 1930, os dados disponíveis eram de documentos de viajantes e missionários que traziam registros meramente descritivos e nem sempre livres do julgamento moralista cristão dominante na época. A cena começou a mudar com os trabalhos de Curt Nimuendajú, o qual escreveu as primeiras monografias sobre culturas indígenas no Brasil. Mesmo que bastante descritivo em relação às crianças, é significativo, pois é menos influenciado pela visão moralista cristã⁽⁴⁾.

Mais recentemente, especialmente após a década de 1960, as crianças passaram a ser não somente meras receptoras de conhecimento, mas sim produtoras desse. Nos estudos etnográficos, elas são consideradas agentes de participação ativa na vida das sociedades indígenas. A infância é então definida como uma categoria social que produz e reconstrói a cultura na qual está inserida⁽⁵⁾.

*Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem, Professora Assistente do Curso de Medicina, Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, RS, Brasil. E-mail: naty.stofel@gmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5928-3477>.

**Enfermeira. Doutora em Educação, Professora Adjunta do Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. E-mail: iraimteixeira@gmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0307-3443>

***Cientista Social. Doutora em Enfermagem, Assistente de Pesquisa do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS. E-mail: pammi.volz@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8548-7190>.

Se por um lado o pensamento ocidental (considerado bastante adultocêntrico) caminha lentamente para a relativização da infância, por outro lado o pensamento indígena aborda a infância como uma possibilidade. Os indígenas atuam em relação de alteridade com as crianças. As mesmas são colocadas como mediadoras entre categorias cosmológicas de grande rendimento. Além disso, suas potencialidades são reconhecidas, o que lhes permite ocupar espaços de sujeitos plenos e de produtores de cultura. O conceito de cultura aqui adotado é o de Geertz, ou seja: “teia de significados que ele [o homem] mesmo teceu” (p.15). Assim, a cultura é um sistema de símbolos que fornece um modelo ‘de’ e um modelo ‘para’ a realidade⁽⁶⁾.

Em várias etnias, por não estarem totalmente assimiladas à categoria humana, as crianças [especialmente as menores] são importantes mediadoras das várias esferas cosmológicas⁽⁷⁾. Como os espíritos das crianças ainda não estão bem “fixos” ao corpo, elas requerem muito cuidado já que sua alma pode perder-se ou ser capturada. Elas desfrutam de grande liberdade e praticamente não são punidas ou castigadas pelas suas atitudes⁽⁸⁾.

Assim, quando se pensou essa questão para os povos indígenas, cuja concepção de infância e o papel das crianças são diferenciados, fez-se a seguinte pergunta: como a concepção guarani Mbya de infância repercute nas práticas de cuidado às crianças indígenas? Dessa forma, a pesquisa buscou compreender as significações e ressignificações do cuidado infantil entre os Guarani Mbya do Rio Grande do Sul.

MÉTODOS

4Pesquisa de natureza qualitativa, com observação participante e confecção de diários de campo. Foi realizada em uma aldeia indígena Guarani Mbya do Rio Grande do Sul. A sugestão da pesquisa ser realizada na aldeia Tekoá Porã veio da própria Fundação Nacional do Índio de Porto Alegre, pois a responsável técnica da época considerou a aldeia como sendo de mais fácil acesso.

De início planejou-se um período ininterrupto de seis meses em trabalho de campo, mas essa proposta não foi possível. Éramos o primeiro

grupo de pesquisa nessa aldeia específica e a permanência por tanto tempo mostrou-se um incômodo para os moradores. Assim, optou-se por um período de quatro meses divididos em quatro estadias – jan/2012, fev/2012, ago/2012, jan/2013.

O trabalho de campo de forma seccionada foi uma colocação da comunidade. Se por um lado tal forma de trabalho requereu maior empenho para captar e descrever todos os pormenores da vida Mbya, por outro permitiu documentar mudanças cruciais e transições nas vidas das crianças ao longo de doze meses. Outro obstáculo para quem trabalha com populações indígenas é a língua. Para os Mbya a língua é símbolo de identidade do grupo, de forma que, embora todos falem português, na aldeia as conversas são em guarani. Tal dificuldade foi contornada graças à ilimitada paciência do cacique, o principal intérprete para a pesquisa, e dos demais moradores.

A aldeia contava, na época, com aproximadamente 200 moradores, sendo que quase metade (n=96) era constituída por crianças menores de 14 anos. A aldeia caracterizava-se como uma terra indígena reservada à margem da rodovia BR-116, a 100 km da capital gaúcha. Eram, ao todo, doze anos de aldeamento. Sua formação está ligada à cosmovisão Mbya de receber em sonho uma indicação de Nhanderu sobre uma terra boa para morar onde se possa praticar o *teko*, o modo de vida Mbya.

A aldeia tinha uma Unidade Básica de Saúde (UBS), a qual atende todas as aldeias ao longo da BR-116. A existência de um Posto Indígena na aldeia facilitaria o acompanhamento da população. No entanto, a atual precarização da atenção à saúde indígena tem prejudicado o atendimento. Se há algum sucesso é certamente fruto dos esforços das equipes e não do investimento público. Soma-se a isso o fato de que os Mbya em geral compreendem que o serviço biomédico de saúde é necessário somente na ausência de um bom pajé Mbya. A análise do material foi feita através da Análise Temática⁽⁹⁾.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme resolução vigente, sob o número de parecer 33957. A Resolução 196/96 e 466/212 do Conselho Nacional de Saúde e suas

complementares foram observadas e seguidas ao longo de toda a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias temáticas encontradas na análise estão descritas abaixo com trechos dos diários de campo, juntamente com a discussão substanciada na literatura da área.

A organização infantil

Antes de adentrar na temática do cuidado propriamente dito, faz-se necessário descrever rapidamente a organização das crianças Mbya. Na experiência de campo, foi possível observar duas organizações infantis que se distinguiam de acordo com o parentesco: grupos formados por crianças do mesmo núcleo familiar e grupos formados por crianças de núcleos familiares diferentes. Os pares formados por crianças do mesmo núcleo familiar eram compostos por irmãos e irmãs. As atividades que desempenhavam não eram diferentes para meninos e meninas. Outra característica desse tipo de organização infantil é não haver no grupo uma liderança que direcione as atividades: estas se desenrolavam no interior da casa ou bastante próximo a ela.

O cenário muda quando os pares infantis são compostos por crianças de diferentes núcleos familiares. Primeiramente, a divisão entre meninos e meninas fica visível. Se antes realizavam juntos as atividades, a inserção de crianças de outros núcleos familiares ao grupo faz com que meninas brinquem com meninas e meninos com meninos, além de acrescentar outra novidade: a presença de um(a) líder. Não necessariamente a criança mais velha, mas talvez aquela cuja família possua maior influência na aldeia. Sendo assim, a filha mais velha do cacique usualmente exercia o papel de líder de seu grupo, mesmo que as crianças que o compunham não fossem as mesmas. Quando ela estava presente, assumia a direção das brincadeiras e decisões. Sua liderança era ao modo Mbya, ou seja, não impunha sua vontade, mesmo que com total consciência de sua posição. Sua liderança também era evidente para os adultos, de forma que cobravam dela a responsabilidade com as demais crianças.

Um aspecto igual a ambos os modos de organização é a criação, dentro do grupo, de regras feitas pelas próprias crianças: é entre pares que elas conseguem escapar, mesmo que por pouco tempo, do controle adulto. O que foi observado vai de encontro ao que alguns trabalhos etnográficos trazem sobre as crianças indígenas: de que elas são detentoras de infinita liberdade, particularmente quando realizam uma comparação entre a mobilidade das crianças indígenas e não indígenas (de centros urbanos).

Nesse sentido, não eram raras as repreensões por algum mau comportamento, como quando elas “somem” por muito tempo. Há, também, preocupação dos adultos sobre a intensidade do contato das crianças com o que vem de fora, ou seja, com as coisas *juruá* (não indígena). A pesquisadora inseriu-se nos grupos infantis como adulta atípica, que, segundo estudos⁽¹⁰⁾, é uma espécie de criança grande, ou seja, uma pessoa que embora detenha quase as mesmas características físicas dos adultos que compõem a sociedade daquela criança, possui um comportamento diferente, especialmente no sentido de não ter autoridade nenhuma sobre as crianças. Como não eram raras as tentativas de escapar do controle adulto, presenciou-se várias dessas pequenas transgressões: as crianças utilizavam desse fato para negociar com os pais; estes por sua vez entendiam que “elas precisavam de uma folga das cobranças”. Outro fato curioso é que o que acontece entre crianças, fica entre crianças: quando são pegas transgredindo, não há denúncia de culpados.

O ensino do cuidado

As crianças da aldeia aprendem cuidado através do corpo. Desde o primeiro banho, que marca o nascimento social, a intensidade do contato corporal com outras pessoas, especialmente com a mãe, é grande. A proximidade e a comunicação faz-se por meio do contato pele-a-pele, produzindo aprendizagens afetivas em que a sensibilidade é acionada como eixo principal na confecção da pessoa guarani⁽¹¹⁾. Entre os Kaingang, banhar recém-nascidos também é uma das primeiras práticas de cuidado que garante a saúde da criança⁽¹²⁾. A corporalidade coloca-se como linguagem simbólica por excelência, empregada pelas

populações indígenas na fabricação social da pessoa e dos universos sociais e cosmológicos. A corporalidade revela-se também central como linguagem do aprendizado e da construção do mundo e de si nos processos indígenas de produção, incorporação e reelaboração de conhecimentos⁽⁵⁾.

Dizem os Mbya que as crianças aprendem na prática e sabem se cuidar, de forma que é grande o estímulo à experimentação das coisas e dos cuidados. Assim, o cuidado intergeracional opera no sentido de proporcionar que as crianças, paulatinamente, desenvolvam seu próprio cuidado e cuidem da sociedade.

Nesse sentido, no processo educativo do cuidado, em sua maioria, não há espaços formais. Na aldeia, as crianças fazem as coisas junto, o que significa que são inseridas nas atividades cotidianas diárias, ora dando banho nos mais novos, ora lavando louça, ora observando a confecção de um artefato. Não se exige mais do que a idade e seu corpo podem, assim como também não há punição por tentar: o importante é experimentar, de forma que a atenta observação dos adultos não é para o produto em si, mas para as sensações que o ato de produzir provoca. Assim, nunca há uma criança sozinha na aldeia, pois no processo de cuidado Mbya é preciso ficar junto.

Por ser intrínseco a todos os aspectos da vida cotidiana, o ensino do cuidado somente assume uma forma formal no aconselhamento das crianças. Aconselha-se crianças normalmente em dois momentos: pela manhã, quando a família de uma residência se reúne especialmente para compartilhar os sonhos da noite passada; e ao cair da tarde, quando o aconselhamento não é restrito ao núcleo familiar, mas ocorre em pequenos grupos, nos quais as crianças estão presentes.

Na segunda noite de trabalho de campo, houve oportunidade de observar uma dessas sessões de aconselhamento.

Estávamos conversando na varanda. Enquanto os pais discutiam determinado assunto, as crianças entravam e saíam da casa. Estavam brincando. Neste momento, percebia-se pelo tom de voz que o teor da conversa era leve: repassavam algum acontecimento, explorando com detalhes o tema. Em determinado momento da conversa, todas as crianças sentaram-se ao redor do fogo para ouvir. Não foram chamadas, o tom da fala ainda que

fosse baixo e sem exaltações, mostrava-se mais sério. Um dos pais explicou-me que havia um problema na aldeia e que depois de analisarem-no perceberam que envolvia seus filhos. Assim, optaram por aguardar o desenrolar das coisas e aconselharam as crianças, que não precisaram ser chamadas porque compreendiam que faziam parte do problema: elas sabiam o que haviam feito (diário de campo, julho de 2012).

As crianças depois de batizadas praticam seu próprio cuidado, descobrindo seus limites e potencialidades. O autocuidado impulsiona a autonomia e individualização infantil. A individualização surge na perspectiva da ideia de uma identidade escolhida ao invés de uma identidade prescrita e permite considerar o reconhecimento das crianças como pessoas possuidoras de direitos como qualquer outro Mbya. A criança é respeitada como sujeito de seu próprio cuidado. Não é uma história da criança sozinha, mas sim outra individualização. Talvez por causa do pensar circunscrito ao nosso contexto cultural não indígena isso pareça tão inconcebível.

Várias crianças, na aldeia, viajam sem a companhia dos pais. Elas visitam parentes em outras aldeias, normalmente acompanhadas de alguém da família da mãe ou do pai. É uma negociação entre os envolvidos: pais, parentes e crianças. Mesmo quando aconselhadas e não fazerem algo, as crianças podem optar por fazê-lo. O ponto que permite tamanha liberdade é justamente porque se passa dentro da sociedade Mbya. As crianças são estimuladas a serem autônomas, mas não perdem o vínculo com o todo, não negam o todo.

Para os Mbya, a individualização das crianças só é possível porque “a socialização dá-se de maneira integrada, ou seja, processos não diferenciados intrínsecos à vida social comunitária, referindo-se os mecanismos pelos quais os nascidos dentro de um sistema sociocultural particular, tornam-se membros de pleno direito dele”^(13:16). Os adultos respeitam as particularidades e observam os comportamentos infantis, acolhendo as características próprias inscritas pela alma.

O cuidado diferencia e integra, pois ao passo que lhes é garantida a possibilidade de manifestarem suas personalidades, conferindo às crianças autonomia e liberdade, espera-se delas responsabilidade perante às consequências de

suas decisões. Não significa falta de cuidado dos adultos para com as crianças Mbya, mas sim outro tipo de cuidado. Se pensarmos o cuidado como dádiva, pode-se compreender que o cuidado desenvolvido entre gerações Mbya constrói relações de reciprocidade e assim, as crianças são aptas a cuidar não somente de si próprias, mas dos outros, inclusive de outras crianças.

Crianças que cuidam de crianças

Nesses grupos, o cuidado é exercido e reinventado pelas crianças. Os cuidados experienciados desde o nascimento são fonte de inspiração para as relações entre os pares infantis. Em outras palavras, o universo infantil não é plenamente independente e autônomo do universo adulto que o cerca. Nesse sentido, toma-se como referencial teórico a abordagem à socialização na infância que Corsaro⁽¹⁰⁾ denomina de reprodução interpretativa. Nas palavras do autor:

“o termo ‘interpretativa’ captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adultos de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo ‘reprodução’ significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural. Significa também que as crianças são circunscritas pela reprodução cultural. Isto é, crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros^(10:31).”

Nessa perspectiva, a pesquisa assume que as crianças produzem uma série de culturas locais que se integram e contribuem para as culturas mais amplas de outras crianças e adultos. Desde cedo, as crianças compreendem (e fazem compreender) elementos do cuidado Mbya. Nesse sentido, o cuidado torna-se importante também entre as crianças. No entanto, elas utilizam de outros mecanismos quando estão cuidando de outras crianças. O trecho do diário de campo dá algumas ideias de como isso se operacionaliza:

as crianças estavam brincando de imitar. Caminhavam em fila, a criança da frente fazia um movimento que devia ser imitado pelos demais. Na sua maioria, eram movimentos feitos em pé. Em determinado momento, a criança mais nova do grupo (um menino de dois anos) estava à frente. Para a surpresa de todos, ele ficou em quatro apoios, inovando a brincadeira. Algumas crianças se entreolharam e de repente começaram a cair: tentavam imitar o garotinho, sem sucesso. Para mim, que estava observando a cena e já tinha visto-as fazer movimentos muito mais complexos, era fácil entender que estavam encenando. Ao perceber a dificuldade dos demais, a criança menor compadeceu-se, levantou-se e modificou o movimento (diário de campo, setembro de 2012).

Esse pequeno trecho permite visualizar pontos importantes que serão discutidos à frente: as crianças utilizam de brincadeiras para cuidar; pois “a criança não sabe menos, sabe outra coisa”⁽⁸⁾; e entre os pares infantis a circulação do saber é através do corpo.

As brincadeiras mostram-se centrais no interesse de compreender o cuidado desenvolvido nas culturas infantis, pois a brincadeira pressupõe uma aprendizagem social⁽¹⁴⁾. Sendo assim, na sociedade Mbya é complexo tentar fazer qualquer distinção do que brincadeira e do que é trabalho.

O brincar, que tão eloquentemente se expressa nesta fase da vida das crianças, evidencia-se como um modo de conhecer e conhecer-se, tendo movimentos de transmissão e recepção próprios, tanto internos como externos, e que se revela se lhe for dado espaço e tempo adequados. Imerso nessa participação, conscientemente ou não, existe um processo educativo constantemente em curso, no qual todos têm interesse e de cujos resultados todos dependem⁽¹⁵⁾. Por todos esses motivos, considera-se as brincadeiras entre as crianças um *lócus* privilegiado para refletir acerca da (re)significação do cuidado infantil entre os Mbya.

Desde o anúncio de sua vinda, o cuidado voltado para a criança visa que ela caminhe e permaneça de pé. Assim, a criança, desde muito pequena, vive (no sentido de experiência) o cuidado. Mais do que isso, elas experimentam que o cuidado sustenta as relações.

A observação das brincadeiras das crianças Mbya contribui para contrariar a ideia de que a

criança não faz nada enquanto brinca, ou, pelo menos, nada que seja importante ou merecedor de atenção. Ao contrário, tudo o que ocorre enquanto a criança brinca é importante e merece atenção cuidadosa. Ao brincar, a criança se relaciona simultaneamente com o seu mundo de dentro e com o de fora, estabelecendo e elaborando pontes fundamentais para o entendimento da vida.

Muito mais que uma lista de atividades que a criança vai desempenhando no seu dia a dia, o brincar é um estado de espírito que permeia esse peculiar modo da criança ser e estar na vida, permitindo-lhe inteireza, integridade, invenção e uma calma efervescência para a descoberta de si, dos outros, de tudo⁽¹⁶⁾.

Por ser próprio da infância e por seu aspecto lúdico, o brincar é associado à falta de responsabilidade. Ainda em referência ao trecho do diário de campo, pode-se compreender que ocorre o contrário: há muita responsabilidade na brincadeira. Cuidar é tornar-se responsável por outro. As crianças cuidam brincando, brincam cuidando. Crianças que cuidam de crianças estão construindo relações sociais de reciprocidade. Por meio das brincadeiras, as crianças introduzem novos elementos à cultura: uma grande variedade é elaborada a partir dos desenhos e músicas que assistem na televisão.

No brincar, nada é mais utilizado do que o corpo. “Os corpos das crianças aparecem em uma variedade de papéis na construção das relações sociais, significados e experiências entre os próprios filhos e adultos, como produtos e recursos para a liderança, ação e interação e, como locais de socialização através do corpo”⁽¹⁵⁾.

A corporificação consiste no processo gradativo e aprendido de internalização de regras, preceitos, hábitos, por meio dos quais certas formas de comportamento tornam-se automáticas porque se acham enraizadas nas práticas corporais⁽¹⁶⁾. Entre os Mbya, a verticalidade é um bom exemplo de como o cuidado constrói relações sociais através do corpo. Através da corporalidade, as crianças ensinam a criança menor; também através do corpo, das sensações que os diversos estímulos provocam, elas aprendem e expressam

conhecimentos em elaboração.

O componente lúdico é o que caracteriza o cuidado infantil. Cuidando as crianças relacionam-se e constroem vínculos. Através do cuidado, as crianças ensinam e aprendem o modo de ser Mbya e as maneiras de escapar periodicamente dele. Compreendem que devem cuidar dos mais novos e aprender com os mais velhos. Por fim, crianças que cuidam de crianças estão criando relações de reciprocidade no reconhecimento do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender as significações e ressignificações do cuidado infantil entre os Guarani Mbya, não é exagero dizer que entre os Mbya *tudo* é cuidado.

No ensino do cuidado, seja inter ou intrageracional, o corpo é instância privilegiada, desde o banho que marca o nascimento social, passando pela partilha de alimentos. Durante as atividades cotidianas, as crianças são estimuladas a participar, experimentar e viver o cuidado realizando atividades reais. Entre os grupos infantis, a experiência é fonte de inspiração para a ressignificação do cuidado, e as brincadeiras são a principal maneira de circulação de saberes.

Por fim, o cuidado como dádiva mantém os vínculos sociais. Cada presente doado cria duas obrigações: a de receber e a de retribuir. Desta forma, as trocas criam um fato social total, pois é durante esse ritual que a vida social se estabelece e os vínculos sociais são atualizados e reafirmados. Sendo assim, o que está em jogo é a manutenção do todo, da sociedade. Os Mbya mostram-nos que, para ficar junto, é preciso cuidar do outro. A sociedade Mbya é uma sociedade cuidadora, ou seja, uma sociedade de comprometimento do reconhecimento com o outro.

FINANCIAMENTO

Este artigo recebeu incentivo à pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

“WHAT IT IS INTENDED TO GATHER”: CHILD CARE BETWEEN THE GUARANI MBYA

ABSTRACT

Aim: to understand the meanings and re-significances of child care among the Guarani Mbya of Rio Grande do Sul. **Method:** qualitative research, it was used participant observation with the preparation of field diaries with adults and children during 2012, in an indigenous Guarani Mbya village in Rio Grande do Sul. Field diaries were analyzed according to Minayo's thematic analysis. **Results:** the analysis revealed that child-care practices shape and are shaped from the Mbya conception of childhood. Children are key social actors for the constitution of care as the forming and unifying bond of society: they teach, learn and care through play. **Conclusions:** It is concluded that among the Mbya, care for children permeates exchange relationships and kinship organizations, because to stay together, care must be taken. Finally, they teach us the revaluation of care as the foundation of social life.

Keywords: Child care. Indigenous population. Culture.

“LO QUE ESTÁ DESTINADO A REUNIR”: CUIDADO INFANTIL ENTRE LOS MBYÁS GUARANÍES

RESUMEN

Objetivo: Se buscó comprender las significaciones y resignificaciones del cuidado infantil entre los Mbyás Guaraníes de Rio Grande do Sul-Brasil. **Metodología:** Fue realizada investigación cualitativa, cuya recolección fue constituida de observación participante con confección de diarios de campo, con adultos y niños, durante el año de 2012, en una aldea indígena Mbyá Guaraní de Rio Grande do Sul-Brasil. Los diarios de campo fueron analizados de acuerdo con el análisis temático de Minayo. **Resultados:** El análisis reveló que las prácticas de cuidado a los niños moldean y son moldeadas a partir de la concepción Mbyá de infancia. Los niños son actores sociales fundamentales para la constitución del cuidado en cuanto vínculo formador y unificador de la sociedad, ellos enseñan, aprenden y cuidan a través de los juegos. **Conclusión:** Se concluye que entre los Mbyá, el cuidado a los niños ocurre en las relaciones de intercambio y organizaciones de parentesco, pues para quedarse junto es necesario cuidar. Por fin, nos enseñan la revaloración del cuidado como fundamento de la vida social.

Palabras clave: Cuidado al niño. Población indígena. Cultura.

REFERÊNCIAS

1. Queirós PJP. Caring: from condition of human existence to professionalised integral care. *Rev. Enf. Ref.* [Internet]. 2015; serIV(5):139-146. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV14079>.
2. Fine M. Nurturing longevity: Sociological constructions of ageing, care and the body. *Journal Helath Society Review*, 2014; 23:33- 42. doi: <https://doi.org/10.5172/hesr.2014.23.1.33>.
3. Zoboli E. Cuidado: práxis responsável de uma cidadania moral. In: Pinheiro R; Mattos RA (org). *Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor*. Rio de Janeiro: CEPESC, IMS/UERJ, ABRASCO, 2007.
4. Ferreira M, Nunes A. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. *Linhas Críticas*, 2014; 20(41):103-123. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193530606007>.
5. Mello F. Reflexões sobre a infância e Educação Guarani. Comunicação apresentada no Ciclo de discussão sobre experiências e pesquisas a respeito da educação e infância indígena. Projeto Educação e Infância Indígenas, NEPI/UFSC, 2006.
6. Geertz C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan, 1989. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretaca_o_das_culturas.pdf.
7. Tassinari A. Concepções indígenas de infância no Brasil. *Tellus*, 2007; 7(13):11-25. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/138>.
8. Cohn C. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas: Rev Cien. Sociais*, 2013; 13(2):221-244. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>.
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.
10. Corsaro WA. Peer Culture and Adult-Child Relations. *Zeszyty Pracy Socjalnej*, 2017; 22(2):105-123. doi: <http://dx.doi.org/10.4467/24496138ZPS.17.008.7315>.
11. Silva RC. Participação e aprendizagem na educação da criança indígena. *Rev. Bras. de Educação*, 2014; 19(58):655-670. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782014000800007>.
12. Rissardo LK, Moliterno ACM, Borghi AC, Carreira L. Práticas de cuidado ao recém-nascido: percepção de famílias Kaingang. *Cienc. Cuidado e Saúde*, 2011; 10(4):634-641. doi: <http://dx.doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v10i4.18305>.
13. Larricq M. Ypituma: construcción de la persona entre los Mbya-Guarani. *Missiones: Editorial Universitária*, 1993.
14. Grubits S. Desenhos e brincadeiras de crianças indígenas. *Cadernos de Estudos Culturais*, 2013; 5(10):169-184. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3675>.
15. Ferreira M, Nunes A. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. *Linhas Críticas*, 2014; 20(41):103-123. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193530606007>.
16. James A, Prout A. *Construting and reconstructing childhood: Contemporary issues in the sociological study of childhood*. 4 th edition. London: Routledge, 2015.

Endereço para correspondência: Natália Sevilha Stofel. Rua Santana, 3390, apto 201. Santana, Uruguaiana, RS. CEP: 97502-350. E-mail: naty.stofel@gmail.com

Data de recebimento: 12/03/2018

Data de aprovação: 23/01/2019